

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DIACRÔNICO DE *PERO* NO PORTUGUÊS

Danivia da Cunha Mattozo Wolff¹

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar o item *pero* no período arcaico da língua portuguesa. De acordo com a literatura especializada, *pero* era etimologicamente adverbial e possuía sentido conclusivo-explicativo. Durante o período arcaico, passou por um processo de mudança sintático-semântica, adquirindo sentido adversativo e tornando-se conjunção. Há relatos também de *pero* como conjunção concessiva e conjunção causal. Dessa forma, este estudo objetiva analisar as mudanças desse item que desapareceu do português, verificando os contextos favorecedores e comparando os resultados com o que foi apontado pelos autores consultados.

Palavras-chave: diacronia, mudança, conjunções, adversativa, *pero*.

INTRODUÇÃO

Vejam-se os seguintes dados:

1. “Se o alcaide mandar asseentar alguen en sa dema~da ou en boa d(e) seu (con)tendor *pero* que o (con)tendor non quis responder assy como deuia ou se ascondeu por no~ faz(er) dereyto e aquel cuyo o mandare~ asseentar se lho deffender p(er) força ou se alçar de guysa que o asseentamento no~ possa seer (con)prido e passar o ano se [for] arreygamento ou aos #VI messes se for au(er) mouil, que eneste p(ra)zo no~ uenha responder por deffender asseentamento, aya a pea que auia se outro fosse teedor do assentamento.” (*Foro Real*, séc. XIII)²
2. “Qvem algu~a cousa dout(ri)n receber [en] encome~da essa meesma cousa seya teudo d(e) entregar aaquel d(e) q(ue) a recebeo e no~ seya ousado de a usar e[n] nehu~a maneyra seno~ como lhy foy

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação da UFMG

² Exemplos disponíveis no CIPM (Corpus Informatizado do Português Medieval). Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt/index.jsp>>.



come~dada. *Pero* se alguus dineyros p(er) conta ou ouro ou prata en massa receb(er) doutri~ [en] encome~da a peso, ben o pod(e) usar e dar |a| out(ro) ta~to como o q(ue) recebeu.” (*Foro Real*, séc. XIII)

3. “Outrossy foy este comde allferez do ymfamte (E)duarte, p(ri)mogenito, & sempre amado delle & homrrado, amte que fosse capita~o & m(ui)to mais depois q(ue) ho foy. E *pero* elle fosse comde feito em Castella, ell rrey nunca lhe quis dar semelhante autoridade ne~ o chamou comde sena~o depois que por allgu~ t(em)po rregeo aquella capitania, que sentio q(ue) hera dino daquella homrra & o acreçemtou em todo, como ao diamte ouvireys.” (*Crónica do Conde Don Pedro de Meneses*, séc. XV)

Esses exemplos mostram três usos da forma *pero* no português arcaico. Em (a), a forma *pero* é usada com sentido conclusivo-explicativo, podendo, ser substituída por *pois*, *porque*; em (b), *pero* é usado com sentido adversativo, podendo ser substituído por *mas* e em (c) *pero* tem sentido concessivo, podendo ser substituído por *embora*, *ainda que*. Essas mudanças serão analisadas neste trabalho.

POSSÍVEIS SENTIDOS DE *PERO*

Investigou-se a literatura existente sobre o assunto para se averiguarem os sentidos possíveis de *pero* apontados pelos autores. O primeiro trabalho consultado foi o de Mattos e Silva (1984). Segundo ela, *pero* e suas variantes podiam ocorrer com dois sentidos principais: o primeiro é o sentido conclusivo-explicativo, em que *pero* equivalia a *por causa disso*, *por este motivo*, *por isso*. O segundo é o sentido adversativo, proveniente de um processo de mudança por que *pero* teria passado durante o período arcaico da língua portuguesa, passando a equivaler a *apesar disso*. O início da mudança teria ocorrido já no séc. XIII e teria se finalizado no séc. XV, quando apenas a acepção adversativa de *pero* estaria em vigor. A mudança teria durado, então, do séc. XIII ao XV, e no séc. XVI *pero* já teria desaparecido da língua.

Além desses usos como conclusivo-explicativo e como conjunção adversativa, a autora também aponta para um uso bastante raro em seu *corpus* (uma única ocorrência), mas não no português arcaico: o uso como conjunção concessiva. Segundo ela, “em geral, no português arcaico, o *pero* concessivo é usado com verbo no subjuntivo, embora também ocorra com verbo no indicativo”. Essa diferença entre os usos de *pero* adversativo e concessivo é novamente exposta em Mattos e Silva (1989), onde a autora conclui, baseando-se em Said Ali (1964: 225) e em Michaëlis de Vasconcelos (1992: s. v. *pero*) que “*pero* pode ocorrer com o verbo no indicativo como com o verbo no subjuntivo. No primeiro caso terá um valor adversativo e no segundo um valor concessivo”.





De acordo com o *corpus* estudado por Mattos e Silva (1984), *pero* adversativo podia ocorrer de forma independente (conjunção adversativa) ou correlacionado à subordinada concessiva introduzida por *como quer que*; ou em enunciados coordenados adversativos constituindo a sequência *mais pero*; ou ainda em enunciados coordenados aditivos constituindo a sequência *e pero*. Quando ocorria correlacionado a outros itens, a autora o considerou não como conjunção, mas como reforço adverbial.

A forma *pero* conclusivo-explicativa ocorreu em seu *corpus* apenas em enunciados aditivos, acompanhada da partícula *e*, formando a sequência *e pero*. Nesse caso, foi considerada também um reforço adverbial.

Pero concessivo, por sua vez, teria ocorrido apenas de forma independente, sendo, portanto, classificado como conjunção.

Em Mattos e Silva (1993), *pero* e suas variantes são novamente classificadas tanto como conjunções explicativas, o que seria seu valor etimológico, como adversativas e concessivas.

Huber (1993), em sua *Gramática do português antigo*, classifica *pero* tanto como conjunção adversativa, quanto como conjunção concessiva, neste caso podendo vir acompanhada de *que*. Ou seja, apesar de o autor não descrever a diferença de *pero* como conjunção adversativa e como concessiva, ele descreve uma qualidade que apenas *pero* concessivo pode ter: o ser acompanhado pela partícula *que*. Nesse ponto há uma discordância em relação a Mattos e Silva (1984), em que *pero* concessivo ocorre apenas de forma independente.

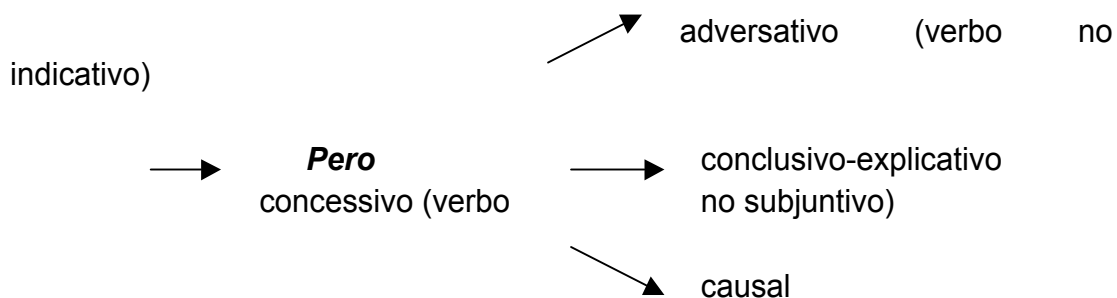
Uma outra autora consultada foi Barreto (1996). Nesse texto, a autora retoma Mattos e Silva (1984), apontando *pero* primeiramente como conclusivo-explicativo e, posteriormente, como adversativo. O mesmo é dito em Barreto (1999) e (2002), mas com uma diferença. Nesses últimos textos, a autora diz que *pero* e sua variante *empero* constituíam também conjunções concessivas em textos do séc. XIII ao XV. Nesse caso, podiam ocorrer isoladas ou associadas à conjunção *que*. No séc. XVI, no entanto, *empero* ou *empero que* não ocorreriam mais como concessivas, enquanto *pero* e *pero que* continuariam a ser empregadas nesse sentido. Isso confirma o que foi dito por Huber (1993) a respeito do acompanhamento da partícula *que* exclusivamente em *pero* como conjunção concessiva e novamente há discordância em relação ao texto de Mattos e Silva (1984).

A última autora consultada foi Maia (1985), segundo quem *pero* possuía valor primitivo de *por isto*, *por isso*. Por seu emprego em frases negativas, teria adquirido valor adversativo, um valor que mais tarde teria se atenuado, tornando-se equivalente a *mas*. Note-se que essa autora sugere graus de adversatividade, ou seja, inicialmente *pero* seria mais adversativo e com o tempo teria se tornado menos adversativo, equivalendo a *mas*, item que, para a autora, seria de adversatividade “atenuada”. Ainda segundo essa autora, embora os empregos como conjunções conclusivo-explicativa e adversativa fossem os mais correntes, *pero* podia adquirir outros valores, como, por



exemplo, o de conjunção concessiva, equivalendo a *ainda que*, *embora*, ou o de conjunção causal, equivalendo a *já que*, *visto que*, *uma vez que*.

De forma geral, o que se viu foi que *pero* etimologicamente seria conjunção conclusivo-explicativa e, durante o período arcaico do português, teria passado por um processo de mudança, podendo ser encontrado como conjunção adversativa, ou concessiva, ou ainda causal.



Também se viu que *pero* podia ocorrer isolado ou acompanhado de outros itens. Para Huber (1993) e Barreto (1999) e (2002), *pero* concessivo podia vir acompanhado da conjunção *que*. Para Mattos e Silva (1984), *pero* concessivo ocorreria apenas de forma isolada. Também segundo ela, *pero* adversativo podia ser antecedido de *como quer que*, *mais* e *e*, e *pero* conclusivo-explicativo ocorreria antecedido de *e*. Além disso, *pero* concessivo podia ocorrer tanto no subjuntivo como no indicativo (a forma subjuntiva era a preferencial), enquanto *pero* adversativo ocorreria apenas no indicativo. Não foram dados maiores detalhes em relação a *pero* causal.

O quadro abaixo resume o que foi dito a respeito dos usos de *pero*, de acordo com o sentido vinculado:

Pero/empero	Conclusivo-explicativo	Adversativo	Concessivo	Causal
Modo Verbal		Verbo no Indicativo	Verbo no Ind. e Subj.	
Reforço adverbial		<i>como quer que... pero</i>		
		<i>mais pero</i>		
	<i>e pero</i>	<i>e pero</i>		
			<i>pero que/empero que</i>	
Conjunção		<i>Pero... (independente)</i>	<i>Pero... / Empero...</i>	

A proposta deste trabalho é, então, analisar nos dados coletados, os sentidos com que *pero* e sua variante *empero* ocorrem, averiguando se esses sentidos se restringem aos citados acima ou se há ocorrência de outros





sentidos também. Além disso, analisar-se-á a frequência de uso de cada sentido de *pero*, o modo verbal (se no indicativo ou subjuntivo), no caso de *pero* adversativo e *pero* concessivo e a função (reforço adverbial ou conjunção).

O CORPUS

Para este trabalho, foram pesquisados os seguintes textos do português dos sécs. XIII, XV e XVI:

Séc.	Texto	Autor	Tipo de Texto
XIII-2	<i>Foro Real</i> [Fins do séc. XIII] Ferreira (1989)	Afonso X (1221-1284)	Texto Notarial
XV-2	<i>Crônica do Conde D. Pedro de Menezes</i> [1458-1464]	Gomes Eanes de Zurara (1410/20-73/74)	Texto narrativo
XVI-2	<i>Peregrinação</i> [ca. 1580]	Fernão Mendes Pinto (1509-83)	Texto narrativo

Este trabalho está inserido numa pesquisa maior sobre os juntores adversativos. Para essa pesquisa, foram coletadas, em cada texto, as 100 primeiras ocorrências de *mas*, *pero* e *porem*, na ordem em que apareciam. Assim, o número de ocorrências de *pero* em cada texto não é o mesmo, pois reflete sua frequência de uso em relação aos outros itens em estudo.

Em relação aos séculos analisados, optou-se por uma distância de dois séculos pois se considerou um período suficiente para que as mudanças se tornassem visíveis. Assim, escolheram-se as segundas metades dos sécs. XIII e XV, pois, pelo que se viu na literatura consultada, no início do séc. XIII *pero* ainda não iniciara as mudanças. Além disso, no séc. XVI não foi encontrada nenhuma ocorrência de *pero* ou de suas variantes, o que já era esperado, de acordo com Mattos e Silva (1984). Dessa forma, os sécs. XIII e XV se mostraram os mais apropriados para esta análise. Os dados e o resultado da análise seguem abaixo.

ANÁLISE DOS DADOS

Em cada dado procurou-se analisar todos os sentidos possíveis de *pero/empero*, de acordo com as propostas dos autores pesquisados, comparando-se a frequência de uso de cada sentido. Além disso, analisou-se a ocorrência de *pero/empero* adversativo e concessivo nos modos indicativo e



subjuntivo, e a ocorrência de *pero/empero* com outros itens, funcionando como reforço adverbial ou como conjunção, conforme sugerido por Mattos e Silva (1984).

A FREQUÊNCIA DOS SENTIDOS

O primeiro passo, então, foi comparar os vários sentidos de *pero*. Optou-se aqui por separar *pero* de *empero* apenas para se comparar a frequência e os sentidos de cada um. Essa separação ocorreu apenas neste momento. No restante do texto, *pero* e sua variante *empero* serão analisados conjuntamente. Assim, sempre que se falar de *pero*, estará sendo considerada também sua variante *empero*.

Tabela 1: Ocorrências de *pero* nos sécs. XIII e XV

PERO	Conclusivo-explicativo	adversativo	concessivo	causal	indefinido	Total
Séc. XIII	2 (6,5%)	15 (48,4%)	10 (32,2%)	-	4 (12,9%)	31 (100%)
Séc. XV	1 (6,3%)	10 (62,5%)	3 (18,7%)	-	2 (12,5%)	16 (100%)
Total	3 (6,4%)	25 (53,2%)	13 (27,7%)	-	6 (12,7%)	47 (100%)

Os dados acima mostram que tanto no séc. XIII, quanto no séc. XV *pero* adversativo era o item que ocorria com maior frequência, seguido de *pero* concessivo e por último de *pero* conclusivo-explicativo. Não foi encontrada nenhuma ocorrência de *pero* causal. No entanto, 4 dados no séc. XIII e 2 no séc. XV não puderam ser definidos, uma vez que vários sentidos eram possíveis de serem encaixados.

A Tabela 2, conforme dito acima, expressa a mesma análise da Tabela 1, porém com o item *empero*.

Tabela 2: Ocorrências de *empero* nos sécs. XIII e XV

EMPERO	Conclusivo-explicativo	adversativo	concessivo	causal	indefinido	Total
Séc. XIII	-	-	1 (100%)	-	-	1 (100%)
Séc. XV	4 (40,0%)	6 (60,05%)	-	-	-	10 (100%)
Total	4 (36,4%)	6 (54,5%)	1 (9,1%)			11 (100%)

A primeira observação que pode ser feita basendo-se na Tabela 2 é que a ocorrência de *empero* foi bem menor que a de *pero*. Enquanto *pero* ocorreu





47 vezes no *corpus* analisado (31 vezes no séc. XIII e 16 no séc. XV), *empero* ocorreu apenas 11 vezes (1 vez no séc. XIII e 10 no séc. XV).

Outras observações em relação à Tabela 2 são de que no séc. XIII houve uma única ocorrência de *empero*, e foi no sentido concessivo. No séc. XV, igualmente a *pero*, *empero* ocorreu com maior frequência como item adversativo. Diferentemente de *pero*, no entanto, a segunda maior frequência foi como conclusivo-explicativo e, por último, como concessivo. Também não houve nenhuma ocorrência de *empero* como causal.

Pode-se concluir a partir da comparação das Tabelas 1 e 2 que tanto *pero* quanto *empero* ocorreram preferencialmente como itens adversativos. *Pero*, no entanto, era usado mais como concessivo que *empero* e, contrariamente, *empero* era usado mais como conclusivo-explicativo que *pero*.

A Tabela 3 a seguir é a junção das duas tabelas anteriores, somando-se agora os valores de *pero* e *empero*.

Tabela 3: Ocorrências de *pero* e *empero* nos sécs. XIII e XV

Empero/ Pero	Conclusivo- explicativo	adversativo	concessivo	causal	indefinido	Total
Séc. XIII	2 (6,2%)	15 (46,9%)	11 (34,4%)	-	4 (12,5%)	32 (100%)
Séc. XV	5 (19,2%)	16 (61,5%)	3 (11,5%)	-	2 (7,7%)	26 (100%)
Total	7 (12,1%)	31 (53,4%)	14 (24,1%)	-	6 (10,4%)	58 (100%)

Os dados acima revelam que o sentido adversativo foi, como já havia sido dito, predominante no período e *corpus* analisado (51,7%), seguido do sentido concessivo (25,9%) e, finalmente, do sentido conclusivo-explicativo (12,1%). 10,3% dos dados não puderam ser classificados.

MODO VERBAL

As Tabelas 4 e 5 se referem à questão do modo verbal, levantada por Mattos e Silva (1984) para diferenciar *pero* adversativo de *pero* concessivo. Segundo ela, no português arcaico, o *pero* concessivo seria usado com verbo no subjuntivo, embora também ocorresse com verbo no indicativo e *pero* adversativo seria usado com o verbo no indicativo. Assim, foram analisados, no *corpus*, os verbos nas orações em que *pero* ocorreu, para se averiguar se ocorriam no modo indicativo ou no subjuntivo. Na Tabela 4, referente a *pero* adversativo, esperava-se que os verbos ocorressem em grande maioria no modo indicativo, como sugerido por Mattos e Silva (1984). O resultado está exposto abaixo:

Tabela 4: O modo verbal em *pero* adversativo

Adversativo	Indicativo	Subjuntivo	Dois modos	Total
Séc. XIII	2 (13,3%)	10 (66,7%)	3 (20,0%)	15 (100%)
Séc. XV	13 (81,2%)	1 (6,3%)	2 (12,5%)	16 (100%)
Total	15 (48,4%)	11 (35,5%)	5 (16,1%)	31 (100%)

Os dados revelam que em *pero* adversativo houve predominância do modo indicativo (48,4%), conforme o esperado. No entanto, houve um número muito relevante de modo subjuntivo (35,5%), o que foi grande surpresa. E esse número se torna ainda mais significativo se se olha apenas o séc. XIII, em que o modo subjuntivo ocorre em 66,7% dos casos. Talvez isso se deva a presença muito frequente de orações condicionais intercaladas às orações adversativas. Só no séc. XIII, 100% das ocorrências com *pero* seguido de oração condicional intercalada foram adversativas. Vejam-se os exemplos:

4. “E sse no~ ouu(er) de que os peyte, o corpo e quanto ouu(er) seya a m(er)cee del rey, *pero* se no~ ueer e mostrar razo~ p(er) que no~ [ue~o], p(or) enfermidad(e) ou p(ri)son ou rios ou g(ra)ndes n[e]ues, e quando ueer mostrar estas razones dereytas, no~ aya nenhu~a pea e esto no~ se entende por aquelles que son chamados a juyzes co~ se(us) contentores e assy estes se no~ ueere~ a mandamento do juyz aya~ pe~a q(ue) e´ posta (contra) aquelles a que no~ fazem o mandamento do juyz.” (*Foro Real*, séc. XIII)
5. “E se dout(ra) guysa for poslta a pe~a non ualla eno preyto *Pero* se el rey mandar mayor pea eno p(re)yto meter e for posta como diz a lee, ualla.” (*Foro Real*, séc. XIII)

Os casos de modo indicativo ocorreram, em sua maioria, sem orações intercaladas, como em:

6. “Deyxo os da ilha de Rrodes, que casy sempre guerream com hos turcos, *pero* hu~s ne~ os outros na~o ouvera~o tam comtynuadas pellejas com hos ymfies como aquellas que os nossos naturaes com elles ouvera~o depois que aq(ue)la çidade foy trazida ao seu sen(h)orio, ne~ creo q(ue) antre os cr(ist)a~os se ache rregno que contynamemte tenha casy tres mill homes na guerra dos ymfies, pellejamdo ou per maar ou per terra & as vezes juntamemte, como o nosso rrey continuadamente mamte~, nunca queremdo rreçerber paz ne~ tregoa, como quer que lhe per vezes fosse cometyda.” (*Crónica do Conde Don Pedro de Meneses*, séc. XV)





Os casos em que houve dois modos foram menores, mas também bastante significativos (16,1%). Veja-se um exemplo:

7. “E se uer a terceyro plazo seya ouuydo sob(re) aq(ui)llo q(ue) lhy e’ aposto se o fez ou non, mays *p(er)o* no~ cobre a pea subredicta en q(ue) caeo per sa culpa.” (*Foro Real*, séc. XIII)

Na Tabela 5, referente a *pero* concessivo, esperava-se que houvesse um número maior de modo subjuntivo, mas o modo indicativo também era esperado, conforme dito por Mattos e Silva (1984).

Tabela 5: O modo verbal em *pero* concessivo

Concessivo	Indicativo	Subjuntivo	Dois modos	Total
Séc. XIII	1 (9,1%)	7 (63,6%)	3 (27,3%)	11 (100%)
Séc. XV	-	2 (66,7%)	1 (33,3%)	3 (100%)
Total	1 (7,1%)	9 (64,3%)	4 (28,6%)	14 (100%)

Os dados mostram que, conforme esperado, o modo subjuntivo foi predominante em *pero* concessivo (64,3%), ocorrendo também, porém em número muito menor (7,1%), o modo indicativo. Além desses, 28,6% dos casos ocorreram misturando os dois modos.

Uma curiosidade é que o único caso de modo indicativo ocorreu com *empero*:

8. “Este N(os)tro Senh(ur) lh(e)su Cr(is)to a’ en sy duas naturas d’omen e Deus, *emp(er)o* segund’a natura d(e) Deus non pode morrer ne~ sentir nenhuu mal, segundo n(atur)a q(ue) fillou quanto carne quis morrer por nos salvar e soffreu fame e sede e fryo e outros traballos muytos e recebeu morte na uera [cruz] e d(e)mentre q(ue) a carne foy morta, a alma d(e)lhe dece~deo aos infernos e sacou end(e) os s(an)ctos e os fiees se(us).” (*Foro Real*, séc. XIII)

Abaixo, alguns exemplos de *pero* concessivo no modo subjuntivo:

9. “& esto pode cada hu~ meter em espiremçia, se lhe prouuer, assynamdo allgu~a cousa que de muitos seja vista, preguntando a cada hu~ per sy: *pero* que todos fossem presentes, em cada hu~ a’-d’achar seu desvairo, posto que se todos acordem na verdad(ei)ra sustamçia da obra.” (*Crónica do Conde Don Pedro de Meneses*, séc. XV)
10. “Outrossy foy este comde allferez do ymfante (E)duarte, p(ri)mogenito, & sempre amado delle & homrrado, amte que fosse



capita~o & m(ui)to mais depois q(ue) ho foy. E *pero* elle fosse comde feito em Castella, ell rrey nunca lhe quis dar semelhante autoridade ne~ o chamou comde sena~o depois que por allgu~ t(em)po rregeo aquella capitania, que sentio q(ue) hera dino daquella homrra & o acreçemtou em todo, como ao diamte ouvireys.” (*Crónica do Conde Don Pedro de Meneses*, séc. XV)

Abaixo, segue um exemplo em que houve mistura dos dois modos verbais. Note-se que o verbo “ir” ocorre duas vezes, uma seguida da outra. Na primeira ocorrência está no indicativo (*fora*) e na segunda, no subjuntivo (*fosse*).

11. “Mandam(os) que nenhuu non possa tolh(er) a out(ro) p(er) tempo rem do seu se el nono teue daq(ue)l q(ue) o ante teuera, ou se p(er) força d’auguas ou d(e) fugo o senh(ur) da cousa p(er)deu a teença, *pero* q(ue) della fora fusse huu ano e hu~ dia |e| seendo ena terra ou p(er) #XXX anos non seendo ena terra.” (*Foro Real*, séc. XIII)

CONJUNÇÃO X REFORÇO ADVERBIAL

Relembrando o que já foi dito, de acordo com Mattos e Silva (1984), conjunções seriam apenas as formas que ocorreriam de forma isolada. Para ela, essas formas são *pero* adversativo e *pero* concessivo. Formas acompanhadas de outros itens ela classificou como reforços adverbiais. O *pero* adversativo ocorreria também como reforço adverbial quando correlacionado à *como quer que*, *mais* e *e*.

A forma *pero* conclusivo-explicativa seria também um reforço adverbial, pois ocorreria apenas acompanhada da partícula *e*, formando a sequência e *pero*.

Pero concessivo, além de ocorrer de forma independente, como defendido por Mattos e Silva (1984), ocorreria também, de acordo com Barreto (1999) e (2002) e Huber (1993) correlacionado à conjunção *que*, formando a locução *pero que*.

PERO ADVERSATIVO

A Tabela 6 trata de *pero* adversativo, considerando se ele ocorre como reforço adverbial, ou seja, acompanhado de *como quer que*, *mais* e *e*, ou como conjunção, ou seja, de forma isolada. Procurou-se analisar também se *pero* adversativo ocorreria com outro item que não os citados por Mattos e Silva. Os resultados estão na tabela abaixo.



Tabela 6: Ocorrências de *pero* adversativo acompanhado de outros itens lexicais.

Adversativo	Como quer que... pero	Mays pero	E pero	Pero...	Pero que*	Total
Séc. XIII	-	1 (6,7%)	-	14 (93,3%)		15 (100%)
Séc. XV	1 (6,3%)	-	-	14 (87,4%)	1 (6,3%)	16 (100%)
Total	1 (3,2%)	1 (3,2%)		28 (90,3%)	1 (3,2%)	31 (100%)

Os dados revelam que *pero* adversativo ocorreu em sua maioria como conjunção, ou seja, 90,3% dos casos de *pero* adversativo ocorreram de forma isolada. As locuções *como quer que... pero* e *mays pero* ocorreram apenas uma vez cada uma. A locução *e pero* não ocorreu com *pero* adversativo, apesar de ter ocorrido no *corpus*. O mais interessante dessa tabela é que ocorre uma locução inesperada, o *pero que*, citada por Barreto (1999) e (2002) e Huber (1993) como uma locução de *pero* concessivo. Veja-se o caso:

12. “Mas o comde tinha assy todos avisados que nenhu~ no~ movia da barr(ei)ra pera fora, pero, porque viu que os fidalgos se anojavam de estare~ assy ouçiosos, dava-lhes allgu~a liçemça que escaramuçasse~ com hos mouros, *pero que* se no~ allomgassem ((p067)) da çidade com elles, & assy o fizeram per allgu~s dias, ate que o comde teve sua çidade comçertada & conheçeo a maneira que os mouros queriam ter.” (*Crónica do Conde Don Pedro de Meneses*, séc. XV)

Abaixo está o caso em que ocorreu a sequência *mays pero*:

13. “E se uer a terceyro plazo seya ouuydo sob(re) aq(ui)llo q(ue) lhy e’ aposto se o fez ou non, *mays p(er)o* no~ cobre a pea subredicta en q(ue) caeo per sa culpa.” (*Foro Real*, séc. XIII)

Algo curioso foi o fato de a única ocorrência de *como quer que... pero*, ter sido com *empero*, como mostrado no dado abaixo:

14. “- *Como quer* - disse elle - *que* vos ate’gora conhecesse por tall que nom pode çertamente em vos rreçeeber doesto o nobre sangue de que deçemdeis de todas vossas quatro avoemgas, *empero* na~o esperava que me tan asynha chegasse tempo em que me tam espiçiallmemte podesse de vos servir, o quall tanto mais semto & rreçebo por espiçiall quamto vos a ello movestes com melhor vomtade, & muito mais porque ho fezeistes sem rrequerimemto meu ne~ doutra



p(esso)a que o de minha parte semtyssse.” (*Crónica do Conde Don Pedro de Meneses*, séc. XV)

Outro caso especial foi o dado abaixo, em que *pero* ocorre seguido pela conjunção *que*, mas que foi entendido como item isolado. Note-se que o segundo *que* faz ainda referência ao verbo “responder” da primeira oração. Assim, entende-se que ele não forma com *pero* uma locução, apenas retoma a oração subordinada substantiva objetiva direta.

15. “Martym Affomso rrespomdeo *que* lho tinha m(ui)to em merçee, *pero que* lhe pedia que lhe desse tempo pera o fallar com hos seus, caa, pois os mais delles heram seus criados & os que o p(ri)mçipallmente aviam de servir, que lhe parecia rraza~o de lho dezer, os quais parece que lhe comselhara~o que por nenhu~a guisa o fizesse, allegamdo-lhe suas rrazo~es per que de todo lhe fezera~o menospreçar aq(ue)lla homrra.” (*Crónica do Conde Don Pedro de Meneses*, séc. XV)

PERO CONCLUSIVO-EXPLICATIVO

Em relação a *pero* conclusivo-explicativo, esperava-se que ele ocorresse acompanhado de *e*, formando a locução *e pero*, conforme ocorreu no *corpus* de Mattos e Silva (1984). No entanto, os dados aqui revelaram um panorama diferente.

Tabela 7: *Pero* conclusivo-explicativo como reforço adverbial ou conjunção

Conclusivo-explicativo	E pero	Pero	Total
Séc. XIII	-	2 (100%)	2 (100%)
Séc. XV		5 (100%)	5 (100%)

De acordo com os dados, tanto no séc. XIII quanto no séc. XV, *pero* conclusivo-explicativo ocorreu exclusivamente de forma isolada, ou seja, sem nenhum outro item acompanhando. Assim, a hipótese inicial de que *pero* conclusivo-explicativo ocorreria como reforço adverbial, ou seja, correlacionado a *e*, não foi confirmada. O exemplo abaixo mostra uma ocorrência de *pero* conclusivo-explicativo ocorrendo isolado.

16. “Pois que assy he - disse aquelle mouro amtigo - eu me quero hiir pera Allcaçar Çeguer, que he terra de meus avoos, ca de my~ pouco serviço pode^s aver, *pero* tamto vos digo que ponhaes sobre vos bom avisamemto, caa eu vejo que este capita~o que ell rrey de Portugall aquy leixou com esta gemte que comsygo tem no~ ham-de estar tras os muros, como vos dezeis, amtes sey bem que ham-de provar vossas forças muitas vezes.” (*Crónica do Conde Don Pedro de Meneses*, séc. XV)





PERO CONCESSIVO

Conforme já foi dito, de acordo com Barreto (1999) e (2002) e Huber (1993) *pero* concessivo poderia ocorrer isolado ou acompanhado pela conjunção *que*. Isso se contrapõe ao que foi dito por Mattos e Silva, segundo quem *pero* concessivo ocorreria apenas de forma isolada. A Tabela 8 mostra todas as ocorrências de *pero* concessivo, com e sem outro item correlacionado.

Tabela 8: *Pero* concessivo acompanhado ou não de outros itens.

Concessivo	E <i>pero</i>	<i>Pero que</i>	<i>Pero</i>	E <i>pero que</i> *	Total
Séc. XIII	-	7 (63,6%)	3 (27,3%)	1 (9,1%)	11 (100%)
Séc. XV	1 (33,3%)	2 (66,7%)	-		3 (100%)
Total	1 (7,1%)	9 (64,3%)	3 (21,4%)	1 (7,1%)	14 (100%)

Pode-se depreender dos dados que *pero* concessivo ocorreu em sua maioria correlacionado à conjunção *que*, formando *pero que* (64,3%), conforme havia sido dito por Barreto (1999) e (2002) e Huber (1993). Em segundo lugar foi *pero* de forma isolada (21,4%) e, inesperadamente, ocorreu um caso de *pero* concessivo correlacionado a *e*, formando a locução *e pero* (7,1%). Isso não havia sido apontado por nenhum autor.

Um fato também inesperado e muito interessante foi a ocorrência de um dos dados de *pero* concessivo correlacionado a dois itens ao mesmo tempo: *e* e *que*, formando a locução *e pero que*. Esse caso está exposto abaixo:

17. “Todo ome q(ue) fez(er) p(re)yto ant[r]e alguus homees e foy feyto dereytamente, quer seya scripto quer no~, e *pero q(ue)* y no~ seya pea posta, firmemente seya a g(ua)rdo e o alcayde fação aguardar.”
(*Foro Real*, séc. XIII)

CONCLUSÕES

Após a análise dos dados *pero* do período arcaico do português, podem-se apontar as seguintes conclusões:

- não houve ocorrência de *pero* causal em todo o *corpus* analisado;
- a forma *empero* foi menos recorrente no *corpus* que a forma *pero*;
- tanto *pero* quanto *empero* ocorreram preferencialmente como itens adversativos. O sentido concessivo ocorreu preferencialmente com *pero* e o sentido conclusivo-explicativo com *empero*;
- o modo indicativo foi o modo predominante nos casos de *pero* adversativo, confirmando a hipótese de Mattos e Silva (1984). No entanto,



houve um número muito relevante de modo subjuntivo (35,5%), o que não havia sido apontado por essa autora;

- da mesma forma, o modo subjuntivo foi predominante em *pero* concessivo, ocorrendo também, apesar de em número muito menor, o modo indicativo;

- no *corpus* analisado, *pero* conclusivo-explicativo ocorreu exclusivamente de forma isolada, ou seja, sem nenhum outro item acompanhando. Isso não confirma a hipótese de Mattos e Silva (1984) de que *pero* conclusivo-explicativo ocorreria como reforço adverbial, correlacionado a *e*;

- *pero* concessivo ocorreu em sua maioria correlacionado à conjunção *que*, formando a locução *pero que*. Ocorreu também, porém em número menor, de forma isolada. Isso confirma a hipótese de Barreto (1999) e (2002) e Huber (1993), segundo quem *pero* concessivo poderia ocorrer de forma isolada ou correlacionado a *que*. Além desses casos, houve um caso de *pero* concessivo correlacionado a *e*, formando a locução *e pero* e uma ocorrência de *e pero que* também concessivo. Ambas as locuções não haviam sido apontadas por nenhum dos autores consultados para *pero* concessivo.

CONTRIBUTION TO THE DIACHRONIC STUDY OF PERO IN PORTUGUESE

ABSTRACT

This work aims to analyze the item *pero* in the archaic period of the Portuguese language. According to the literature, *pero* was etymologically adverbial and has conclusive meaning. During the archaic period, went through a process of syntactic-semantic change, acquiring meaning adversative and becoming a conjunction. There are also reports of *pero* like concessiva conjunction and causal conjunction. Thus, this study aims to analyze the changes of this item that disappeared from the Portuguese, checking the contexts that have contributed and comparing the results with what was pointed to by the authors consulted.

Keywords: diachrony, change, conjunctions, adversative, *pero*.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Therezinha M. M. Observações sobre as conjunções no século XVI. In: MATTOS e SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. **O português quinhentista**: estudos linguísticos. Salvador: EDUFBA, 2002.





_____. *Pero e porém: uma trajetória de gramaticalização*. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 23-24, jun.-dez. 1999.

_____. *Perseguindo as conjunções*. In: MATTOS e SILVA. R. V. (Org.). **A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500**. Salvador: Empresa gráfica da Bahia, 1996.

CINTRA, Luís Filipe Lindley (Ed.). **Crónica Geral de Espanha de 1344**. Lisboa: INCM, 1951.

DESPUIG, Cristòfol. **Col·loquis de la insigne Ciutat de Tortosa**. A cura de Joan Tres. Barcelona: Curial, 1996. (Lectures de Literatura Catalana, 2)

EIXIMENIS, Francesc. **Contes i faules**. A cura de M. Olivar. Barcelona: Barcino, 1925. (Els Nostres Classics, Col·leció A, 6)

EPISTOLARI del segle XV. A cura de Francesc Matorell. Barcelona: Barcino, 1926. (Els Nostres Classics, Col·leció A, 9)

FERREIRA, José de Azevedo (Ed.). **Afonso X, Foro Real**. Lisboa: INIC, 1987.

HUBER, J. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

JAUME I. **Llibre dels fets del rei en Jaume**. A cura de J. Bruguera. Barcelona: Barcino, 1991. 2 v. (Els Nostres Classics, Col·leció B, 10/11)

MATTOS e SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 1989.

_____. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 1993. (Repensando a língua portuguesa)

_____. **Pero e porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa**. *Boletim de Filologia*, Lisboa, v. II, t. XXIX, 1984.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. **Revista Lusitana**, XXIII, 1-95, 1920.

PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998.

RIVADENEIRA, Pedro de. **Obras escogidas**. Madrid: Atlas, 1952. v. 60.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1964.